



Mercadorias de variados tipos são oferecidas diariamente no comércio subterrâneo instalado na Calçada

# Comércio sob o asfalto se mantém vivo na Calçada

MEIRE OLIVEIRA  
Repórter



**L**igando a Estação Ferroviária ao Largo da Calçada, funciona sob o asfalto um comércio que resiste ao tempo e é freqüentado por muita gente. A

chamada Passagem Inferior foi construída pela Viação Férrea Federal Leste Brasileiro para evitar o fluxo de pessoas pela parte de cima. No corredor subterrâneo, inaugurado em 2 de julho de 1954, bomboniere, lojas de calçados de couro, CDs, xerox e envio de fax são serviços encontrados em seus boxes das 6 às 20h, de segunda a sábado.

São três acessos: uma escada pela estação e duas pelo outro lado da rua, no Largo da Calçada. Vindo de

Sergipe, Gilberto José há 30 anos vende sapatos, alpercatas e lembra da época em que o movimento de pessoas era bem maior. "Meu ponto era na parte de cima, mas quando vagou um espaço embaixo eu resolvi comprar logo. Na época que muita gente andava de trem era melhor. Isso aqui vivia cheio de gente. Era até difícil andar". Dos 15 pontos existentes, apenas 12 estão abertos.

Há 41 anos, o comércio era apenas de calçados de couro. Hoje só restam três pontos com a mercadoria. Tendo na Passagem Inferior seu primeiro emprego, o comerciante Gilberto Barbosa de Almeida reclama, mas pretende se aposentar trabalhando no mesmo local.

"Estou aqui desde 1974, quando dava para viver daqui. O movimento dos anos 80 era beleza, mas depois dos anos 90 esse pedaço da cidade ficou esquecido e muita gente teve que fechar, procurar outro emprego ou mudar de ramo.

Mas gosto do ambiente daqui, dos colegas, meus irmãos trabalham aí em cima. Não saio daqui, não".

Cerca de 80% dos clientes são antigos. A maioria já vem procurando o vendedor certo. No tempo em que não existia sinaleira e ninguém se arriscava na travessia pelo asfalto, o comércio era apenas de sapatos vindos do Ceará, do interior da Bahia, como Jorro, Ipirá e Ilhéus, ou de fábricas do Taboão.

A dona-de-casa Maria da Conceição, 73 anos, sente falta da época em que a Passagem Inferior era o único caminho para chegar ao largo. "O progresso só trouxe o que não presta. Salvador era menor e bem melhor. Eu pegava o carro de praça que um homem todo arrumado dirigia".

Quando o trem trabalhava a todo vapor, vindo de municípios como Camaçari, Alagoinhas, Pojuca e Catu, o local era utilizado por diversas famílias para compras mensais. "Ainda não tinha supermercados. Então

vinha com minha avó ou meu pai para comprar comida nos grandes armazéns que pertenciam aos espanhóis e portugueses. Na feira de Água de Meninos, a gente comprava frutas, verduras e temperos, e aqui era feita a compra do resto", contou o policial Arnaldo Matos.

A maioria das pessoas desconhece a movimentação sob o asfalto. "Eu acho melhor aqui. Sempre venho quando preciso comprar um chinelo e agora mesmo preciso mandar um fax e não vou pegar a fila enorme do correio.

Pouca gente conhece essa descida aqui, então é bem mais tranqüilo. Já foi mais chelo, quando o comércio era mais privilegiado, mas ainda é uma boa opção", disse Antoniel Moreira, 49 anos. Mas, segundo alguns comerciantes, as vendas, às vezes, chegam a sofrer redução de 70%.

"As pessoas preferem comprar na Barroquinha ou Liberdade", disse um dos vendedores.